

COMENTÁRIOS E NOTAS DE
DOUGLAS TUFANO

ILUSTRAÇÕES
MOZART COUTO

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

**SUPLEMENTO DE APOIO
PARA O PROFESSOR**

ELABORAÇÃO:
DOUGLAS TUFANO

A carta de Caminha é um dos principais documentos da história do Brasil. Relata o primeiro encontro dos europeus, representados pelos portugueses, com os nativos da terra então descoberta.

Repleta de observações interessantes sobre os indígenas e reveladora das intenções colonizadoras dos portugueses, a carta pode render um excelente trabalho didático interdisciplinar em sala de aula.

Para ajudar o professor a executar esse trabalho, apresentamos, neste encarte, vários tópicos para serem explorados, como atividades de produção de textos, pesquisas, seminários, debates, dramatização etc. Apresentamos, também, alguns textos que podem ser úteis como fontes complementares de informação.

Além dos livros indicados na bibliografia constante no final do livro, parece-nos útil indicar três números da revista *O Correio da Unesco* (Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas), que podem ser consultados com proveito pelos alunos:

- *Redescobrir 1492*, julho, 1992.
- *Camões e os descobrimentos portugueses*, junho, 1989.
- *Diários de viagem*, junho, 1987.

Sobre a vida na Europa, na época das Grandes Navegações, os alunos encontrarão informações acessíveis e ilustradas no volume *O cotidiano europeu no século XVI*, da Coleção Povos do Passado, da editora Melhoramentos. Da mesma coleção, sugerimos o volume *Os índios do Brasil*, que apresenta um bom panorama da vida dos indígenas, com detalhes de seus usos e costumes.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

1. Impossibilitados de usar a linguagem oral, portugueses e indígenas exploraram com sucesso a linguagem gestual. Escolher e dramatizar uma das cenas narradas por Caminha em que ocorre essa forma de comunicação.
2. Considerar as seguintes passagens da carta:
 - a) *“Deram-lhes comida: pão e peixe cozido, doces, bolos, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada disso e, se alguma coisa provavam, logo a cuspiam. Trouxeram-lhes vinho numa taça. Mal o puseram na boca; não gostaram. Trouxeram-lhes água numa caneca. Não beberam. Apenas bochechavam e logo a lançavam fora.”*
 - b) *“Quando Sancho de Tovar se recolheu à nau, alguns queriam acompanhá-lo. Mas ele só trouxe dois homens, bem constituídos e maduros. Mandou que fossem muito bem tratados. Comeram toda a comida que lhes deram.”*

- c) *“Na quinta-feira, derradeiro dia de abril, comemos logo de manhã cedo e fomos em terra para pegar mais lenha e água. E, querendo o Capitão sair desta nau, chegou Sancho de Tovar com seus dois hóspedes. E como ele ainda não tinha comido, prepararam-lhe a mesa. Trouxeram-lhe comida e comeu. Os hóspedes sentaram-se cada um em uma cadeira. E de tudo o que lhes deram comeram muito bem, especialmente presunto cozido frio e arroz. Não lhes deram vinho porque Sancho de Tovar disse que eles não gostavam dessa bebida.”*

Levando em conta as diferentes situações em que essas cenas ocorreram, tente explicar por que, no trecho (a), os indígenas reagem de uma forma à comida que lhes é oferecida e, nos trechos (b) e (c), reagem de forma diferente.

3. *“Não comem senão desse inhame, de que há muito aqui, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores produzem. E nós, com o trigo e os legumes que comemos, não somos tão rijos e nédios como eles.”*

Pesquisar a influência da cultura indígena na alimentação do brasileiro de hoje e montar um painel ilustrativo na sala de aula.

4. *“Diogo Dias e Afonso Ribeiro, o degredado, aos quais o Capitão ontem ordenara que de toda maneira dormissem entre eles, voltaram já de noite, por eles não quererem que lá ficassem.”*

Várias vezes, Pedro Álvares Cabral manda que alguns homens tentem passar a noite na aldeia dos indígenas, mas eles não permitem. O inverso, no entanto, ocorreu: os portugueses permitiram duas vezes que alguns indígenas passassem a noite no navio. Como você explica essa diferença de comportamento?

5. *“Foram todos para lá e andaram entre eles. E, conforme depois contaram, andaram bem uma légua e meia até chegar a uma povoação, em que haveria nove ou dez casas, as quais eram tão compridas como a nossa nau capitânia. Eram de madeira, razoavelmente altas, cobertas de palha e com ilhargas de tábuas. Todas se compunham de uma só peça, sem divisão de cômodos, com muitos esteios internos. E, de esteio a esteio, havia uma rede atada com cabos em cada esteio, na qual dormiam. Debaixo da rede, para se esquentarem, faziam seus fogos.”*

Pesquisar e trazer para a classe fotos que mostrem a influência das habitações indígenas na vida brasileira atual.

6. Pesquisar a presença da língua tupi na língua portuguesa falada no Brasil. Trazer para a classe exemplos dos diferentes campos em que isso ocorre (nomes de pessoas, de lugares, de animais, de árvores, de frutas etc.).

7. Os navegadores portugueses eram homens experientes em abordar povos de outra língua e cultura. Cite passagens do texto que mostrem as diferentes táticas usadas por eles para se aproximar dos indígenas e ganhar-lhes a confiança.
8. Alguns historiadores afirmam que a tendência que houve no século XVI de se considerar o Brasil uma terra de incrível beleza e fertilidade, habitada por gente pura e bonita, como se aqui fosse o “paraíso terrestre”, teve suas primeiras manifestações na carta de Caminha. A leitura do texto sustenta essa afirmação? Escreva um texto expondo seu ponto de vista sobre essa questão.
9. Destacar os fatos citados por Caminha que justifiquem seu otimismo quanto à facilidade da conversão dos indígenas à fé católica. Explicar se essa conversão de fato ocorreu ao longo da história do Brasil. Pôr em debate o tema: “Aspectos positivos e negativos do trabalho dos missionários entre os índios”.
10. Fernão de Magalhães (1480-1521, aproximadamente) era um navegador português que estava a serviço da Coroa espanhola. Chefiou uma expedição cujo objetivo era atingir as “ilhas das especiarias”, principalmente as Molucas, pela rota do Ocidente. Mas sua viagem acabou provando que a Terra é redonda e teve enorme repercussão graças ao relato de Antonio Pigafetta, cronista da expedição e um dos poucos sobreviventes dessa primeira viagem ao redor do mundo, que durou quase três anos e custou a vida a Magalhães. Em março de 1521, o navegador chegou às Filipinas. Transcrevemos, a seguir, o relato de um de seus encontros com os nativos. Comparar esse trecho com o relato de Caminha e destacar os pontos em comum entre o comportamento de Cabral e o de Fernão de Magalhães com relação às populações nativas.

“No domingo, último dia de março e festa de Páscoa, o Capitão enviou de manhãzinha o capelão à terra para celebrar a missa. E o intérprete foi junto para dizer ao rei que não desembarcaríamos para comer com ele, mas somente para assistir à missa.

Ao ouvir isso, o rei enviou dois porcos mortos. E na hora de dizer a missa, o Capitão com 50 homens foi à terra, sem armas, somente com as espadas e vestidos o mais honestamente possível. Antes de os barcos chegarem à terra, nossas embarcações dispararam seis tiros de artilharia em sinal de paz.

Ao desembarcarmos, os dois reis lá estavam e receberam amavelmente nosso Capitão colocando-o entre eles. Em seguida, fomos ao local preparado para a missa, que não era longe da praia. Antes de a missa começar, o Capitão jogou nos dois reis água de rosa. E quando chegou a hora do Ofertório, os dois reis foram beijar a cruz, como nós,

mas não ofereceram nada. À elevação do corpo de Nosso Senhor, eles estavam ajoelhados como nós e adoraram Nosso Senhor com as mãos postas. E as embarcações então dispararam toda a artilharia.

Depois da missa, cada um, mostrando-se bom cristão, recebeu Nosso Senhor. O Capitão fez com que sua gente esgrimissem, o que muito agradou aos reis. Em seguida mandou trazer uma cruz com os cravos e a coroa, à qual os reis fizeram reverência. E o Capitão mandou que lhes dissesse que aquelas coisas que lhes mostrava eram insígnias do Imperador, seu mestre e senhor, de quem havia recebido a missão e o comando de colocar em todos os lugares por onde fosse e passasse. E disse-lhes que queria colocá-la ali, em seu país, para seu bem, para que se viessem mais tarde outras embarcações da Espanha às ilhas, ao verem a cruz saberiam que nós aqui estivéramos. E desta forma não lhes fariam mal, nem às pessoas e nem a seus bens. Se prendessem algum deles, ao lhes mostrar esta insígnia, eles o libertariam.

Além disso, o Capitão lhes disse que era necessário que aquela cruz fosse colocada sobre a mais alta montanha de seu país a fim de que todos os dias, ao ver a dita cruz, eles a adorassem e se assim o fizessem, tormentas, raios e tempestades não poderiam atingi-los.

Os reis agradeceram ao Capitão e disseram que o fariam de bom grado. Em seguida ele mandou perguntar se eram mouros ou gentios e no que acreditavam. Responderam que não adoravam outra coisa, mas que juntavam as mãos olhando o céu e que seu deus chamava-se Aba. Ao ouvir essas palavras o Capitão ficou muito feliz. [...]

Ordenou que se perguntasse ao primeiro rei se tinha algum inimigo e se estava em guerra, e que se houvesse ele iria vencê-los com seus homens e seus barcos. O rei agradeceu e lhe respondeu que havia ilhas cujas populações eram suas inimigas. No entanto, não era hora de atacá-las. O Capitão lhe disse que, se Deus lhe concedesse a graça de voltar outra vez àquele país, traria tanta gente que os colocaria à força sob sua obediência. Depois, por meio do intérprete, disse que iria comer e depois voltaria para colocar a cruz em cima da montanha. Os dois reis se disseram contentes, abraçaram o Capitão e se separaram.”

O Correio da Unesco. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, junho 1987, p. 11.

TEXTOS COMPLEMENTARES

1

[MITO E REALIDADE: O PARAÍSO TERRESTRE]

Os navegantes europeus do século XV e XVI tinham a mente povoada de lendas e mitos. A busca do Paraíso Terrestre, por exemplo, foi uma das preocupações de Cristóvão Colombo. Em 1498, ele descobriu a foz do Rio

Orinoco (na atual Venezuela) e, impressionado com a beleza do local, acreditou que, na nascente desse imenso rio, devia estar o paraíso de que fala a Bíblia. Eis um trecho da carta que ele escreveu aos reis Fernando e Isabel, da Espanha.

“A Sagrada Escritura atesta que Nosso Senhor criou o Paraíso Terrestre e nele colocou a árvore da vida. Daí saíam quatro grandes rios: o Gânges, na Índia; o Tigre e o Eufrates, na Ásia — que passam por um desfiladeiro, formam a Mesopotâmia e chegam até a Pérsia; e o Nilo, que nasce na Etiópia e desemboca no mar, na Alexandria.

Não encontro e jamais encontrei nenhum escrito grego ou latino que diga onde se localizava precisamente, neste mundo, o Paraíso Terrestre; tampouco vi qualquer mapa-múndi que estabelecesse tal localização, a não ser por deduções. Alguns o colocam na nascente do Nilo, na Etiópia. Mas muita gente viajou até aquelas terras e nada achou no clima ou na altitude que confirmasse essa teoria, ou que provasse que as águas do Dilúvio, que as cobriram, tenham chegado até ali. Alguns pagãos tentaram demonstrar que aquele Paraíso ficava nas ilhas Fortunate (que são as Canárias), e Santo Isidoro, Beta, Estrabão, o mestre da história escolástica, Santo Ambrósio e Scotus e todos os teólogos eruditos concordam que o Paraíso Terrestre ficava no Oriente.

Já disse o que fiquei sabendo sobre esse hemisfério e sua forma, e creio que, se passar para baixo da linha do equador e chegar lá, encontrarei ali, no ponto mais elevado, um clima muito mais frio e grande diferença nas estrelas e nas águas. Não que eu creia ser possível navegar até o ponto culminante, ou que lá exista água, ou mesmo que seja possível chegar lá. Mas acredito que o Paraíso Terrestre fica lá, e ninguém pode entrar nele a não ser com permissão de Deus. Acredito que a terra que Vossas Altezas me mandaram descobrir seja muito grande e que haja no sul muitas outras terras de que nunca se teve notícia. Não sustento que o Paraíso Terrestre tenha a forma de montanha escarpada, como mostram as ilustrações, mas sim que esteja no cume do que descrevi como um talo de pêra, ao qual se acede pouco a pouco, subindo uma encosta que começa a grande distância. Como disse, não creio que alguém possa chegar ao cume, mas acredito firmemente que, embora distantes, aquelas águas possam correr dele e chegar até o lugar onde as encontrei, e formar esse lago. Tudo isso contribui bastante para provar a localização do Paraíso Terrestre, porque a situação se coaduna com as crenças dos santos e sábios teólogos e com todos os sinais ligados a essa idéia. Pois jamais li ou ouvi dizer que tal quantidade de água doce fluísse tão perto da água salgada e nela penetrasse, e os climas muito temperados constituem uma outra prova disso. Se esse rio não nasce no Paraíso Terrestre, a maravilha é ainda maior. Pois não creio que haja um rio tão grande e tão profundo em qualquer outro lugar da Terra.”

[A GENTE QUE VEIO DO CÉU]

Os nativos da América não viram os europeus como seres humanos comuns e sim como divindades. Eis o que relata Cristóvão Colombo a respeito dos nativos, numa carta endereçada a um oficial da Coroa espanhola.

“E eles não conhecem nenhuma seita ou idolatria, à exceção de acreditarem que a fonte de todo o poder e de toda a bondade está no céu; crêem também, assaz firmemente, que eu, como todos estes navios e tripulantes, viemos do céu, e foi nessa crença que me receberam em toda a parte, depois de terem vencido o medo. E isso não resulta de serem ignorantes, pois são de vivíssima inteligência e homens que navegaram por todos estes mares, sendo admirável a riqueza das informações que nos dão de tudo, mas porque nunca viram gente vestida, nem barcos como os nossos.

Na primeira ilha que descobri, capturei à força alguns deles a fim de que aprendessem castelhano e nos pudessem informar sobre o que há nestas partes; disso adveio que logo nos começaram a entender, e nós a eles, tanto por palavras como por gestos, e desde então nos têm sido muito úteis. Ainda os tenho comigo e eles ainda nutrem a crença de que vim do céu, a despeito de todo o trato que mantiveram comigo; eram os primeiros a anunciá-lo onde quer que fôssemos, e os demais punham-se a correr de casa em casa, e até os vilarejos vizinhos, aos altos brados de: ‘Vinde! Vinde! Vinde ver a gente do céu!’ Vinham todos então, homens e mulheres, tão logo ganhavam confiança em nós, até ninguém, pequeno ou grande, ficar para trás, e traziam sempre algo de comer e de beber, que nos ofereciam com maravilhosa afeição.”

José Paulo Paes (org.). *As grandes cartas da História*. São Paulo, Cultrix, 1968, p. 66.

[O TRATADO DE Tordesilhas]

“Dom João (II), por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves d’aquém e d’além-mar em África e Senhor da Guiné. A quantos esta nossa carta virem, fazemos saber que...’ Assim começa o tratado assinado em Tordesilhas, em 7 de junho de 1494. Por esse documento, Portugal e Espanha repartiam o mundo entre si. Por que esse privilégio?

Tudo começou em 1385, quando subiu ao trono português, com a ajuda dos comerciantes, dom João I, fundador da Dinastia de Avis. Em troca, dom João ajudou-os nas explorações marítimas. E os portugueses foram se familiarizando com a costa da África, conhecendo o Atlântico. Em 1453, os turcos tomam Constantinopla, fechando o caminho até então conhecido para o comércio com o Oriente. Enquanto venezianos e genoveses tentam forçar

a passagem, os portugueses se lançam na busca de uma rota que, contornando a África, os leve às riquezas orientais. Nessa busca, estão sós: ingleses e franceses, recém-saídos da Guerra dos Cem Anos, andam às voltas com conflitos internos; os espanhóis encontram-se absorvidos em expulsar de suas terras os muçulmanos, o que finalmente conseguem em 1492.

Os portugueses eram os senhores do Atlântico, mas foi Cristóvão Colombo, um genovês a serviço da Espanha, quem descobriu a América, a 12 de outubro de 1492. Dom João II de Portugal não se conforma e, invocando uma bula do Papa Sisto IV (1481), reivindica para si as terras recém-descobertas. Fernando e Isabel, reis da Espanha, vão ao papa Alexandre VI, espanhol, e conseguem outra bula, que lhes garante a posse das terras e mares que fiquem para além de 100 léguas da ilha dos Açores. Dom João II, descontente, manda emissários ao reino de Castela, a fim de discutir o assunto. Procuram um acordo, 'porquanto entre os ditos senhores seus constituintes há certa diferença sobre o que a cada uma das ditas partes pertence do que até hoje, dia da feitura deste tratado, está por descobrir no mar oceano'.

Dom João II propõe que se divida o globo por uma linha paralela ao equador: o Norte fica para a Espanha, o Sul para Portugal. Mas os reis espanhóis preferem a divisão por um meridiano, pois deve haver terras ao sul de onde esteve Colombo. Na verdade, Portugal quer garantir para si os caminhos do Sul que, contornando a África, levariam às Índias. A Espanha, por outro lado, quer chegar às Índias pelo Ocidente. Por isso, não foi difícil encontrar uma fórmula satisfatória para todos: Portugal abriu mão da divisão Norte-Sul, a Espanha pediu que o meridiano fosse traçado a 370 léguas de Cabo Verde. Fez-se o tratado, 'por certidão e corroboração do qual assinamos esta nossa carta do nosso sinal e a mandamos selar do nosso selo de chumbo e fios de sedas de cores'."

Grandes personagens da nossa história. v. 1. São Paulo, Abril, 1969, p. 6.